

“A CHUVA APODRECIA OS CAMPOS E OS HOMENS”: TRADUÇÃO E MELANCOLIA OU UMA NARRATIVA ENFERMA

André Luis Valadares de Aquino*

RESUMO: *Opero gesto de interpretação no âmbito de uma poética do traduzir em torno do romance inaugural do escritor amazônico Dalcídio Jurandir, Chove nos Campos de Cachoeira (1941), compreendo Jurandir como tradutor da cultura, produtor de uma obra falhada de espelhamento parcial ou falseado do texto cultural primeiro, a Amazônia. A consciência da falta produz uma réplica infiel do “original”. Solicitado a multiplicar o documento da cultura (a manipular o regionalismo), Jurandir despeja a experiência melancólica de perda do objeto de desejo, ao menos restituição interdita ou precária (S. LAGES, 2002, lendo Benjamin e Freud) como prolongamento infeccioso até à estrutura narrativa, forçando a história ao movimento pendular, à aceitação do corpo-estranho da linguagem poética ou ao estranhamento da língua de origem, ao adoecimento das personagens. Entre Jurandir e o poema em prosa opera a transmissão de uma “semente” familiar (BENJAMIN, 2008), no sentido de uma herança que condena “pai” e “filho” à procura incansável pelo sentido: como cartografia e documento da cultura para Dalcídio Jurandir, como direção e caminho para Alfredo, como palavra poética redentora para Eutanázio.*

PALAVRAS-CHAVE: *Dalcídio Jurandir, Linguagem Poética, Tradução, Melancolia.*

ABSTRACT: *I operate interpretation in the context of a poetics of translation about the first novel amazonian writer’s Dalcídio Jurandir, Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Jurandir understand culture as a translator, producer of a work mirroring failed partial or distorted text first culture, the Amazon. The lack of awareness produces a replica of the infidel “original.” Asked to multiply the document of culture (to manipulate regionalism), Jurandir dumps the melancholy experience of losing the object of desire, unless prohibited or poor recovery (LAGES S., 2002, reading Benjamin and Freud) as an extension to the structure of infectious narrative, forcing the story to the pendulum, the acceptance of foreign body of poetic language or the strangeness of the source language, the characters of the disease. Among Jurandir prose poem and operates the transmission of a “seed” family (Benjamin, 2008), to an inheritance which condemns “father” and “son” to the relentless search for meaning: how mapping and document the culture to Dalcídio Jurandir as the direction and path for Alfredo, as poetic word for redeeming Eutanázio.*

KEYWORDS: *Dalcídio Jurandir, Poetic Language, Translation, Melancholy.*

* Mestrando em Linguagens e Saberes na Amazônia, UFPA; bolsista pela CAPES. Orientador: Gunter Karl Pressler (UFPA).

“O CAMINHO NOS CAMPOS É ESTREITO E SINUOSO”: NOVOS CAMPOS OU HORIZONTES EM ABERTURA – PREPARANDO AS MALAS PARA A VIAGEM

*“Mas não se passa nada mais fora dos muros?”
(Antoine Compagnon)*

*“O jardim de caminhos que se bifurcam era o romance caótico”
(Jorge Luís Borges)*

Os grifos imprimidos pelos intérpretes à obra de Dalcídio Jurandir demarcam a expectativa em torno do reconhecimento da propriedade do campo cultivado e cercado como cultura da Amazônia. No entanto, o movimento de retirada do local de origem pressupõe autorização solicitada pela própria escritura, aliás, uma demanda reclamada ainda em 1948 pelo crítico Cléo Bernardo:

“Chove” é a singular paisagem duma sociedade em decadência. (...) Existe um sentimento de negação tão grande que tudo se perde nos males do sofrimento e das falências. Até as belas [...] imagens poéticas, na maioria, nascem dum horror, dum tédio, duma inquietação. (...) A desordem do romance não é uma atitude, vem da inquieta sensibilidade poética do escritor que, às vezes, se torna mais poeta do que romancista nos seus ímpetos criadores. (BERNARDO, 1948)

O deslocamento está articulado pela manipulação da linguagem, pelo prolongamento instituído pela técnica do “recorte” (COMPAGNON, 1996), precisamente pela estratégia de “apropriação” (Ibidem, p.139-149), que move a escrita entre o objeto selecionado (cultura local) e o acontecimento poético (língua estrangeira): “Uma rês quebrada é rês sangrada, é mata-lotagem forçada, e Gaçaba ria” (JURANDIR, 1992: 248).

Esse “corpo estranho” que se instala desvia o horizonte de percurso e de expectativa por sucessivo trânsito de entradas e saídas, movimento reproduzido pela estrutura narrativa:

O chalé é como um mundo de músicas distantes, de vozes que voltaram. A chuva não traz uma esperança para os desassossegos que estagnaram em Eutanázio como balesdos [...] O chalé é como uma ilha batida de vento e de chuva. Irene vem através da chuva lhe trazer uma roupa macia, limpa, cheirando a roupa guardada em baú de mulata. Cheirando a cama arrumada, a carne de mulher saindo dum banho. Irene vem contar quantos cabelos brancos ele tem, quantos desesperos há na sua solidão. (JURANDIR, 1991: 91)

Por motivo de conforto do leitor nativo ou do crítico compartimentador da história, de volta ao resíduo de realidade prefere ficar com a estabilidade do discurso de representação de uma (falsa) identidade segura da Amazônia, que se defende no critério narcísico de preservação da integridade do Eu. O texto novo gerado pela assimilação do Outro se localiza no espaço das relações formais, no movimento da linguagem poética, no devir das imagens sonoras e visuais, que produz a experiência de ultrapassamento dos limites da prosa de ficção (antes do documento) em direção ao campo do poema:

E nos campos, naqueles horizontes pesados de fumo e fuligem do fogo ateado, havia uma desolação, um terror, o dobrado dos sinos, o gado mugindo e chorando, rastro de rês morta. (JURANDIR, 1991: 101, grifo nosso)

Por tudo, é fácil pensar a ambiguidade do texto dalcidiano priorizando uma via de acesso mais organizada e familiar: o *caminho* que de entrada deixa pre-ver o *jardim* muito devastado da cultura de partida, onde se localiza o leitor (nativo). O problema maior se revela quando encaramos o ponto do *jardim* em que *os caminhos se bifurcam* (J. L. BORGES, 1972), tomados pelo cansaço da viagem-leitura, é fácil se perder no labirinto-obra: o movimento circular nos coloca de volta ao mesmo lugar de saída, condenados ao projeto infinito da (re)leitura.

Lado a lado ao movimento manifesto pela forma narrativa, as circunlocuções da história (ou “Des Tours” babélicas derridianas) são simétricas, ainda, às oscilações pendulares inscritas como disposição melancólica de reação em favor da reparação de um objeto perdido, em termos freudianos, o restauro implica o deslocamento do objeto em direção ao ego do próprio doente (FREUD, 1987). A “inibição melancólica” atua operando o esvaziamento do eu, ao mesmo passo que demonstra humores irregulares, ocasiona “processos de regressão” (Ibidem). A descrição corresponde, em graus diferentes, a um tipo de adoecimento que acomete as personagens dalcidianas, em especial Alfredo e Eutanázio.

“ALFREDO, MENINO CONTEM-PLATIVO E MELANCÓLICO...”,
E O JOGO DA “BOLINHA MÁGICA E INFATIGÁVEL. (...) COM
ELA DESAPARECIAM AS FERIDAS”

“Se eu morrer muito novo (...)
Nunca fui senão uma criança que brincava”.
(Alberto Caetano)

A criança pelo brinquedo projeta e libera algum tipo de acúmulo que prescinde do desejo de difícil realização, a saber, a *travessia* da vila de

Cachoeira a Belém para frequentar as escolas da capital. O “caroço de tucumã” como objeto mágico acena para a possibilidade de salvação pela reparação parcial e momentânea do objeto afastado, embora exponha ainda mais a incapacidade de finalização da empresa.

A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga na palma da mão. Com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro. (JURANDIR, 1991: 89)

A intensa introspecção do menino é signo da “regressão da libido ao ego” (FREUD, 1987), do empobrecimento do eu, em contrapartida, novamente enriquecido pelo “sonho de viagem” ou “sonho de cidade” (JURANDIR, 1991: 103), pela força da imaginação que reedita fragmentos do “lugar de redenção”: “O colégio era um sonho, fãz-de-conta era a única salvação; mas as mãos pa-ravam fatigadas de tanto jogar o carocinho” (JURANDIR, 1991: 284).

O espaço visado se põe à vista ainda pela via da memória, ponto por meio do qual o leitor-analista é capaz de identificar precisamente a origem da afecção melancólica em Alfredo. Freud opõe os afetos do luto aos da melancolia nos seguintes termos: “(...) a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda”. (FREUD, 1987)

A criança rememora e confirma o conhecimento fundado sobre a cidade, quando muito menino, constituído por experiência dificultosa e penosa, afastada do posto onírico que seduz pela aventura de um passeio apaixonado. O gesto de reedificação da cidade enfatiza e coloca de volta o momento da primeira viagem como experiência frustrada, o único sinal de legitimação dessa certa cidade imaginária são os objetos de afeto colecionados, pistas ou rastros que se colam ao desejo de revelação ou desnudamento do lugar (mais que espaço: personagem – como assegura B. Nunes, In: JURANDIR, 1963) que se insinua cheio de cores, odores e movimentos:

Mas Alfredo acorda com aquela cidade cheia de torres, cha-minés, palácios, circos, rodas giratórias que lhe encham o sonho e o carocinho. De olhos abertos para o telhado, pensa na sua ida para Belém. Seu grande sonho é ir para Belém, estudar. A única vez que esteve na cidade era ainda bem pequeno. Mas tem lembrança de tudo que viu [...] Siá Rosália lhe trazia senhas de passagens de bonde. Eram vermelho-claras com as letras verdes. Embevecia-se olhando as senhas que siá Rosália lhe dava como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelos fios elétricos. Então a

cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos. [...]

Voltou para Cachoeira sem ter visto a cidade de siá Rosália, nem a cidade de seus pais que viam teatro, cinema e muitos bon-des. [...]

Quando for para Belém não quer ir para aquela cidade triste, cheia de lama, com meninos sujos, homens rotos e tismados que passavam carregados de embrulhos, com carrinhos de mão vendendo bucho, com uns velhinhos batendo na porta e estendendo a mão, uma carroça cheia de cachorros presos numa grade. Queria era ver o Círio, a Santa na berlinda, os cavalinhos, a montanha russa, o museu, queria ao menos ver os colégios e as livram onde se vendiam os livros de histórias maravilhosas que sempre desejava. (JURANDIR, 1991:87-88-89)

O afastamento do objeto de desejo se alia ao sintoma perigoso da tendência ao suicídio ou pelo menos a manifestação do “delírio de inferioridade” a ponto de o afetado “dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto” (FREUD, 1987):

Misturado com o escuro da porta do corredor vem a sua “viagem” para Belém. Sua mãe lhe dera uma esperança mais forte. (...) Quantas vezes, já com o frio da febre ou ainda com a febre, não ia chorando se queixar, bater os pés na cozinha onde sua mãe lava as xícaras do café ou mexe a panela: — Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui! (p.189)

— Mamãe, é a febre. Eu morro, mamãe. A senhora não me leva para Belém e eu vou é bater no cemitério, mamãe. Dói este frio. Dói. Um chá, mamãe. (JURANDIR, 1991: 235)

A “satisfação sádica de seu sofrimento” (FREUD, 1987), aliada à autotortura, confirma a desordem de saúde do ego melancólico, é complementar ao movimento de aproximação e afastamento do local visado: impulso destruidor do sujeito e mobilizador do objeto perdido para dentro, ocasionando súbitas reações de amor e ódio, Freud identifica como sentimento ambivalente e pendular:

D. Amélia assim como ouvia assim ficava. Nem resposta sa-bia dar. Se envergonhava de não poder dar boa resposta ao filho. Mas Alfredo chorava, se lamentava, mordida o lençol, ainda cheirando a febre na rede, ficava estúpido e sem forças, coçando feridas com um súbito desejo de sangrá-las mais, abri-las, ficar todo em carne viva, em feridas, querendo fugir de Cachoeira, desapa-recer de casa, partir nem que fosse pra o Instituto Lauro Sodré. (JURANDIR, 1991: 189-190)

O impulso de morte na criança registra o aparecimento da imagem alegórica do distúrbio melancólico como “ferida que não cessa de sangrar” ou “ferida aberta”: “o conflito dentro do ego, que a melancolia substitui pela luta pelo objeto, deve atuar como uma ferida dolorosa” (FREUD, 1987). Essa “dor mental” se *traduz* em dor física, descrita pelo menino em ressonância ao diagnóstico freudiano:

Alfredo ergue-se e olha de novo as marcas de feridas. Os cam-pos se queimam mas em Janeiro as grandes chuvas lavam a marca do fogo. Os campos ficam verdes e se deixam depois ficar dentro d’água e os mururés florescem entre os peixes. Quando sua mãe aparecia com a cuia e o algodão para lavar as feridas, Alfredo se amolecia na rede num quase desejo de morrer, morrer devagari-nho com o braço de sua mãe sob a sua cabeça. Aquilo era tam-bém da febre. Mas de súbito um ímpeto de chorar alto, de gritar para espantar aquele desejo sem forma. Vontade de bater o pé pa-ra a mãe, embrulhar-se na rede, repelindo o curativo, não queria nada. D. Amélia nascera com aquelas mãos para tratar feridas. E agora Alfredo sabe que nem essas mãos nem as grandes chuvas em Março curam a marca das feridas. (JURANDIR, 1991: 18)

O comportamento pendular é signo da dor acentuada, a ferida exposta apresenta a carência análoga à reposição ou cura como rearticulação do objeto perdido, reencontrado ou restaurado dentro do menino (à procura fora do que se esconde dentro): o sonho de cidade abre mais as feridas.

A MORTE DO AUTOR (MELANCÓLICO): O “POETA DOENTE”, EUTANÁZIO, E A PROTEÇÃO PELA ILUSÃO ARTÍSTICA

A vocação da escritura dalcidiana para a tradução melancólica implica a evocação de figuras sintomáticas, mobilizadas pela aparição precária de um brilho de fundo que aponta para o objeto originário da carência, bem de perto a iluminação desponta como resposta de um espelho: “as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente”:

Eutanázio criara os monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo. (JURANDIR, 1991: 30)

A imagem do objeto de desejo potencialmente oculta no ego melancólico se revela como impossibilidade de rever e acessar a solução

da carência, motivada pela “desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada” (FREUD, 1987.), dessa feita “a melancolia pode constituir reação à perda de um objeto amado (...), perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido [‘luto’], mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor” (Ibidem).

Irene – princípio do mundo – “liberdade”

A noite o enche de obsessões. (...). Mas Irene ri como se o triturasse (p. 30).

Eutanázio caminha no rumo da casa de Ire-ne. As grandes marchas noturnas. As mesmas marchas solitárias. O caminho nos campos é estreito e sinuoso. O vento mais frio. O olhar de Irene o envenena todo. (...) Irene já deve estar na varanda pronta para o seu desprezo pequenino e corrosivo. (JURANDIR, 1991: 43)

Embora Freud assuma que “(...) a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente” (1987) – opinião compartilhada pelo narrador dalcidiano, “(...) a doença de Eutanázio, misteriosa moléstia essa que parecia invadir todo o chalé” (JURANDIR, 1991: 16) – “Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma” (Ibidem, p. 21).

O mal-estar melancólico se manifesta pela ancoragem da perturbação sobre os sentimentos de autoestima, alternado reações de profundo desânimo e intensa euforia:

Os campos levavam-no para o riso de Irene, para aqueles olhos densos de fei-ticeira estupidez e nojo. Cada marcha daquela era uma dupla marcha, a dos pés fatigados, dos rins doendo, dos tecidos castigados. Era uma caminhada de meia hora, e dura, todos os dias, para o seu corpo. A outra marcha era a obsessão, a das sensações confusas, dos conflitos que lhe deixavam na cabeça cinza e sombra. (JURANDIR, 1991: 42)

O enfermo desenvolve quadros de “delírio de inferioridade”, completados “pela insônia e pela recusa a se alimentar” (FREUD, 1987):

Veio D. Tomázia olhar na mesma manhã o doente. Era a sua comadre. Foi logo à cozinha fazer um caribé, mingaus, papas, lei-te. Era preciso alimentar o doente. Mas Eutanázio se tornou in-tratável, estúpido, dentro de sua moléstia, do seu tédio, da sua humilhação. D. Tomázia estava acostumada a ver o seu Eutanázio macio na casa de seu Cristóvão e agora encontrava um ho-mem intolérável, recusando os mingaus, os caribés, as papas, tudo. Recusando brutalmente. Não queria saber de nada. (JURANDIR, 1991: 65)

Resistente ao desejo de dormir, ainda nutre sentimentos de revolta e de hostilidade contra si mesmo, o enfermo cessa a disposição para a própria vida: “Por que tudo faz para não se restabelecer? Por que não tem medo da morte? Parece um suicídio” (JURANDIR, 1991: 282).

O consolo efêmero de reedificação do equilíbrio e da saúde, para Eutanázio, submete-se ao desejo de afastamento do eu afetado, desejo de operar a *outra morte*, redentora, de substituição da intimidade pela linguagem: “morte do autor” (BARTHES, 1988).

Poeta destituído de palavra, Eutanázio narra a própria experiência de morte, pensando na arte da escrita como experiência salvadora.

Não sabe por que lhe vem agora de novo a compreensão de quanto lhe é bem trágica a sua incapacidade para a poesia. A natureza é má, sádica, imoral. Dava a uns uma excessiva capacidade poética e a ele deu a tragédia de guardar um material bruto de poesia e não poder conquistar um pensamento poético nem a linguagem poética. Tinha a substância poética mas enterrada no que havia de mais profundo e inviolável de sua inquietação. Era como um homem mudo. Um cachorro tem a expressão poética muitas vezes nos olhos. Ele não tem senão nas infinitas profundidades de sua consciência, do caos que rola dentro de si [...] Dentro dele se agitava um caos e só a poesia daria ordem a esse caos. (JURANDIR, 1991: 42-43)

A morte anunciada (o sofrimento melancólico originado pela impossibilidade do amor de Irene) acompanha a impossibilidade de escrever. À espera do fim, o poeta doente, pela experiência da literatura, tornar-se-ia outro, para isso permanecendo a condição de ser o mesmo (morrer): convivem morte e escrita, assim a existência de uma incide como necessidade da outra. “Deseja a morte de Irene. Se livrar da lembrança de Irene” (p. 30-31), Irene é seu sonho de morte ou “sonhos mortos... Os sonhos se misturavam com as cenas perdidas, alguém ri [Irene ri]” (p. 30). “Os olhos se fecharam como se em si mesmos procurassem a Irene perdida” (p. 286), a morte significa o retorno ao “princípio do mundo”, “Irene é o princípio do mundo” (p. 285).

A produção, o excesso e a acumulação infecciosa da bile negra que se desdobra no corpo inspiram o adoecimento melancólico (ARISTÓTELES, 1998). A expurgação dos afetos ou a terapia catártica, isto está ainda na *Poética* de Aristóteles (1996), devolveria a harmonia fisiológica necessária para manutenção da estabilidade e purificação do espírito. Embora produza efeito análogo, a “salvação” de Eutanázio não responde pela liberação catártica dos humores (mesmo porque esta corresponde à ação poética sobre o expectador da obra de arte), mas pela *transposição* ou projeção do desejo para a palavra poética, autorizando a aparição duplicada da própria vida, escondida e protegida por uma “biografia literária”. Esse recurso não deve

curar, apenas interrompe o estado afetado, a carência reaparece pela nova empresa na sua impossibilidade de acessar a palavra poética.

Como testemunha de sua própria morte, Eutanázio responde ao projeto literário de superação da morte, de escrever para viver (proteção pela ilusão artística). A esperança na palavra antecede, no entanto, a experiência frustrada da escrita (solidão):

Se habituara a colher certas palavras mais ou menos difíceis para o seu uso íntimo. Ninguém o surpreendia soltando essas palavras de que tinha talvez pudor como de largar palavras. (JURANDIR, 1991:42)

Eutanázio queria “saber ler e escrever para mudar a face das coisas” (p. 37), porém “Major Alberto [seu padrasto] criticava duramente esses versos mas o povo gostava [...] Eutanázio achava assim que a sua pobre poesia tinha sempre alguma utilidade” (p. 109). “Mas animou-se quando leu isso num almanaque: O VERSO É TUDO” (p. 39).

Impo-tente, incapaz até de fazer um soneto. Um sofrível soneto na vida. Não alteraria a ordem universal das coisas se fizesse o milagre de minutar um soneto sofrível, mesmo contrariando sua própria natureza cujas leis eram cegas e rígidas. Ficava como que docemente humilhado com a derrota. E sofrendo as melancolias de sua mediocridade voltava a encadernar os livros pacientes, a es-piar os passarinhos que bem junto de casa faziam os seus ninhos como ninguém no mundo seria capaz de escrever sonetos. Ser cons-ciente de sua impotência era um consolo, mas às vezes o exaspe-rava. Antes tivesse a total inconsciência de sua mediocridade. Consciente era deixá-lo de qualquer forma em confusão. Em ple-na lucidez de sua miséria e ainda por cima a inexplicável necessi-dade de teimar, de prosseguir estupidamente nos seus deveres de amanuense das Musas. (JURANDIR: 1991: 37-38. grifo nosso)

A *vida* literária do “poeta triste” (p. 135) impõe a estratégia da reflexão sobre a linguagem, recurso que passa prioritariamente pelo poema, o estabelecimento do jogo fundamental entre prosa e poesia pela via da escrita metapoética. Também, dentro do jogo de substituição da intimidade pela linguagem (“morte do autor”), o poeta Jurandir adquire impessoalidade tendo como fundo o poeta Eutanázio. Ambos tradutores melancólicos, molestados, “misteriosa moléstia” (p. 16), pela carência fatal da palavra restauradora, condenados a dizer o in-di-visível: que não se pode dividir, duplamente visível e invisível da linguagem poética.

MINHA VIAGEM (NOVAMENTE) INCONCLUSIVA: “... NA JANELA, PENSANDO, PENSANDO EM EUTANÁZIO, NA VIAGEM DE ALFREDO”

A obra-“vaso” (para usar a metáfora de Benjamin, 2008, esse “vaso” que, na realidade, não existe) de Dalcídio Jurandir, na sua impossibilidade de reparação final, flagra o leitor-tradutor constantemente ameaçado pelo ocultamento do centro ordenador da narração, pela sobrevida da língua poética, pelo endividamento punitivo: que fazem crescer a linguagem, forçada, violentada, torcida, negando o parentesco ou o direito de pertença à comunidade local, devolvida novamente com revestimento de novo “manto” (Ibidem), impondo o veto que coincide com a sucessão de momentos em que se opera outra vez a tarefa da leitura.

O ponto de contágio ou a estrutura de prolongamento da compleição humoral do melancólico entre Alfredo e Eutanázio assombra o *modus operandi* do sujeito articulador do texto afetado, passa pela construção poético-narrativa, pelo empreendimento tradutório de produção da cópia deformada pela “doença”: a “chaga” do poema ataca o pensamento lógico (O. PAZ, 1972) e íntegro da prosa. A melancolia fundada na operação tradutória aparece de volta na informação traduzida, a perda se transfere (traduz) para as afecções afetivas individuais, para a “queda angélica” que batiza a máscara-síntese da usurpação luciferina da tradução (H. de CAMPOS, 1994) dalcidiana: Eutanázio ou a aceitação da falência.

Em Jurandir a linguagem poética re-significa os signos oferecidos pela cultura da Amazônia brasileira. O espaço regional compreende a fissura que revela o “lado de fora”, lugar onde a ficção se torna possível realidade; seduz o leitor nativo pelo reconhecimento dos caminhos, do reflexo da obra-espelho. Quando a Amazônia se trata bem mais de uma construção de linguagem, um código que perde a origem, linguagem que perde o leitor-peregrino na viagem.

REFERÊNCIAS

AQUINO, André Luis Valadares de. *Jogo da linguagem poética e arquitetura do labirinto em Dalcídio Jurandir*: Uma aposta. Trabalho de Conclusão de Curso, FALE-UFPA: Belém, 2010. (não publicado).

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia*: o problema XXX.1. tradução do grego, apresentação e notas Jackie Pigeaud; trad. Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.

———. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre, Globo, 1966

BENJAMIN, Walter. *A tarefa-renúncia do tradutor*. p. 66-81. Trad. Susana Lages. In: *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin*: Quatro traduções para o português. Lucia Castello Branco

(org.). FALE-UFMG: Belo Horizonte, 2008.

BOLLE, Wille. Belém, porta de entrada da Amazônia. In: *Cidades na floresta*. Org. Edna Castro. Annablume: São Paulo, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix: São Paulo, 1970.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. p. 66-70. In: *O Rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. Lisboa: Edições 70, 1988.

BORGES, Jorge Luís. O Jardim de caminhos que se bifurcam. p. 95-109. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Abril Cultural: Porto Alegre, 1972. (Coleção Os Imortais da Literatura, 50).

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no Horizonte do Provável*. Perspectiva: São Paulo, 1969.

———. Da tradução como criação e como crítica. p. 21-37. In: *Metalinguagem: Ensaio de teoria e crítica literária*. Vozes: Rio de Janeiro, 1967.

———. *Transblanco: Reflexões sobre a transcrição de Blanco, de Octavio Paz, como excuroso sobre a teoria da tradução do poeta mexicano*. In: PAZ, Octavio; CAMPOS, H. de. Siciliano: São Paulo, 1994.

———. Transluciferação mefistofáutica. In: *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 179-09.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. UFMG: Belo Horizonte, 2006.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. In: *Obras Completas*. Tradução de Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 249 – 63. v. 14.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. José Paulo Paes. Cultrix: São Paulo, 2003.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. CEJUP: Belém, 1991.

———. *Marajó*. CEJUP: Belém, 1992.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; FRITZ, Saxl. *Saturne et la mélancolie*. Études historiques et philosophiques: nature, religion, médecine et art. Paris: Gallimard.

LAGES, Susana. *Walter Benjamin, Tradução e Melancolia*. EDUSP: São Paulo, 2002.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir, não Tradutologia*. Trad. Eduardo Domingues. FALE-UFMG: Belo Horizonte, 2009.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Ed. Barcelona: Laertes, 1996.

NUNES, Benedito. Texto crítico. In: *Passagem dos Inocentes*. Martins Editora: 1963

OLIVEIRA, Nilson. *A outra morte de Haroldo Maranhão & outros contos*. IAP: Belém, 2006. (Prêmio IAP de Literatura).

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Perspectiva: São Paulo, 1972.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1969.